

SOLIDÃO E AS REDES SOCIAIS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Brianna Cavalcante Arcanjo¹

Resumo

A ideia de que ninguém vive sozinho e que o ser humano foi criado para ter o seu convívio dentro de uma sociedade não são conceitos atuais. O mundo moderno é globalizado e interconectado; a internet quebrou várias barreiras impostas pela distância, facilitando a comunicação com parentes e amigos que vivam em lugares distantes. Diante do exposto, essa revisão bibliográfica tem como objetivo fundamental analisar as consequências das tecnologias digitais nas relações sociais e suas implicações na solidão humana apontadas na literatura selecionada. Assim, objetivamos relacionar as tecnologias com base em artigos publicados nas principais plataformas digitais (Sciello e Bireme) para compreender a relação da solidão com as redes sociais. Trata-se de um estudo cuja discussão é pensada no contexto de modernidade. A problematização do tema foi realizada considerando os seguintes tópicos: Notas preliminares acerca da modernidade, A era digital no mundo da hiperconectividade, O Paradoxo entre relação virtual e face a face e Solidão e redes sociais.

Palavras Chave: Solidão. Interação Sociais. Redes Sociais

Abstract

The idea that no one lives alone and that the human being was created to have his life together in a society are not current concepts. The modern world is globalized and interconnected; the Internet has broken several barriers imposed by distance, facilitating communication with relatives and friends living in distant places. In view of the above, this integrative review has as its fundamental objective to analyze the consequences of digital technologies in social relations and their implications in human solitude. Thus, it aims to relate the technologies based on articles published in the main digital platforms (Sciello and Bireme) to understand the relationship of solitude with social networks. It is a bibliographical study whose discussion is carried out from the postmodern perspective. The problematization of the theme was carried out considering the following topics: articulated in the following topics: Preliminary notes on modernity, the digital age in the world of hyper connectivity, the paradox between virtual and face to face relationship and Solitude and social networks.

Keywords: Loneliness, Social interaction, Social networks.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A698s Arcanjo, Brianna Cavalcante.
Solidão e as Redes Sociais: Uma Revisão de Literatura / Brianna Cavalcante Arcanjo. – 2018.
18 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,
Curso de Psicologia, Sobral, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Prof. Dra. Francisca Denise Silva do Nascimento.
Coorientação: Prof. Me. Prof. Me. Henrique Nunes Riedel.
1. Solidão. 2. Redes Sociais. I. Título.

CDD 150

1.INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem enquanto tema as implicações das novas tecnologias, especificamente das redes sociais nas relações humanas e suas implicações subjetivas em especial a solidão. Neste escopo, enfatiza-se que o advento da globalização e das repercussões promovidas pelo capitalismo, as tecnologias digitais surgem enquanto ferramentas de aproximação entre as pessoas que estão diretamente relacionadas ao aprimoramento dos mecanismos de comunicação, contudo podem desencadear a solidão e por sua vez outras manifestações psíquicas associadas (GUEDES, 2013).

Com a criação da internet e a emergência da chamada Era digital, principalmente a partir dos anos 2000 com o surgimento das diferentes redes sociais, os padrões de comunicação humana passam por uma modificação. A informação passa a ser mais rápida e acessível, mas também complexa, pois se antes havia o contato face a face, hoje mais da metade da população mundial comunica-se pelas redes sociais. (GUEDES, 2013)

Segundo uma pesquisa recente destaca-se que o Brasil possui cerca de 194 milhões de habitantes que tem acesso direto à internet, sendo que o celular é o aparelho mais utilizado para realizar essa conexão e o computador é o segundo mais utilizado para o acesso à rede mundial de computadores. Deste total, 85 % dessas pessoas tem acesso as redes sociais e sites de relacionamento como: *blogs, twitter, facebook, menseger* (IBGE ,2015).

Seguindo essa linha de pensamento, Santos e Cypriano (2014) relatam sobre a relação entre os brasileiros e o celular, constatando-se que 96% dos usuários de smartphone fazem uso em casa; 87% usam no trabalho; 83% estão com ele no restaurante; 78% correm riscos no trânsito ao fazer uso; 90% usam o aparelho durante outras atividades, ao ler ou mesmo assistir um filme. Esses dados evidenciam o quanto a população está hiperconectada e mostra também que mesmo as pessoas sendo acompanhadas de seus semelhantes e nos mais diversos ambientes as relações virtuais estão se sobrepondo as relações face a face.

Os serviços pioneiros que possuem características de socialização na internet surgiram em 1969, porém foi na década de 90 que a internet se popularizou no Brasil, sendo o e-mail umas das únicas formas de comunicação entre os usuários, mas apesar disso, o mesmo não evoluiu, a ponto de se tornar uma rede social. Por volta do ano 2000, surgiram diversos tipos de serviços, como o Fotolog (postagem de fotos), e o Friendster (possibilidades de relações de amizades no mundo virtual), logo após, em 2003, surgiu o LinkedIn (contatos profissionais) e o Myspace (contatos de amizades). (CACHUTÉ, 2013)

A partir de 2004 as redes sociais passaram a ser reconhecidas e difundidas no Brasil, e este foi considerado o ano das redes sociais, pois nesse período foram criados o Orkut e o Facebook, porém, apesar de ter sido criado em 2004, dentro do campus da Universidade de Harvard, o Facebook somente chegou à grande massa de usuários no ano de 2006, e a partir de então a rede social é sinônimo de sucesso e crescimento, além disso, em 2006 o microblog twitter foi revelado, após isso o Instagram foi criado por Kevin Systrom e Mike Krieger e lançado em outubro de 2010. O serviço rapidamente ganhou popularidade, com mais de 100 milhões de usuários ativos em abril de 2012.

Com o aparecimento das redes sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp, as pessoas passaram a ficar hiperconectadas e com isso as tecnologias que foram criadas com o propósito de auxiliar na comunicação, encurtando distâncias, aproximando as pessoas no tempo e no espaço, também tem promovido o distanciamento de quem está perto. Desta forma, tem-se na dita pós modernidade as relações virtuais que passaram a substituir interações face a face, e como consequência a população está ficando cada vez mais solitária. A relação em rede abre caminho para novas formas de interagir e novas possibilidades de relacionamento. Ao mesmo tempo em que nos aproximamos virtualmente, nos afastamos no cotidiano real. Vive-se a fase da proximidade distante e da distância que aproxima (GIARDELLI, 2012, P.17).

Conforme Mendonça (2011) a conexão exacerbada está aumentando o índice de solidão, pois as pessoas estão cada vez mais conectadas e solitárias. Tal condição reflete em uma perda das relações sociais e reais. Alerta-se ainda para o fato de que a cada dez pessoas, quatro em países industrializados podem estar vivendo na solidão, o que decorre em consequências certamente devastadoras para a saúde.

Diante do exposto, considera - se que a solidão se apresenta segundo os autores acima, como algo benéfico e necessário para o desenvolvimento do autoconhecimento, contudo o ser humano não nasceu para viver sozinho, assim é importante refletir sobre quando a solidão começa a exercer influência nas relações interpessoais e torna negativa ao acarretar inúmeras consequências a saúde mental.

Assim, objetivamos relacionar as tecnologias com base em artigos publicados nas principais plataformas digitais (Sciello e Bireme) para compreender a relação da solidão com as redes sociais. Nesta via, essa revisão bibliográfica foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, que segundo Minayo (2006) promove o desvelamento de determinado fenômeno em todas as suas nuances a partir do conhecimento das crenças, valores relacionados a determinado assunto.

Acrescenta-se ainda que esse artigo foi articulado nos seguintes tópicos: notas preliminares acerca da modernidade, a era digital no mundo da hiperconectividade, o paradoxo entre relação virtual e a relação face a face, solidão e redes sociais. Essa discussão é relevante diante do crescimento do quadro de adoecimento mental nas sociedades modernas que se relacionam diretamente com a falta de escuta e de relacionamento face a face.

Vive-se na atualidade um momento em que prevalece o individualismo, no qual os indivíduos são encarados como entidades separadas, sendo a relação entre as pessoas pouco valorizada, levando a um crescente distanciamento entre os seres. Essa realidade leva a intenso sofrimento psíquico os indivíduos, gerando um colapso dos relacionamentos na pós-modernidade e incorrendo em solidão, depressão, relações destrutivas, adiões das mais diversas, ansiedade e estresse. A não importância do inter-humano “resulta em isolamento, alienação e no inevitável narcisismo dos dias modernos”, explicita Hycner (1995).

O desenvolvimento de uma ideologia moderna individualista, em oposição ao h da sociedade tradicional holismo da sociedade tradicional, parece-me que deve ser visto, no caso da cultura brasileira, como uma tendência que é matizada em contextos diferenciados da região, grupo étnico, classe social e grupo de status. É um processo não homogêneo e, em termos de biografias individuais e históricas de vida, há que perceber a ambiguidade e oscilação entre os dois pólos que funcionam, em termos de representação, como balizas e marcos – mas que também não esgotam toda a riqueza das experiências vividas. O destaque do indivíduo como sujeito e unidade social significativa de quadros de sociabilidade mais amplos não deve ser visto como mecânico, linear e jamais, me parece como fenômeno acabado. (VELHO, GILBERTO, 2004, p.75)

Por fim, acrescenta-se que o debate do tema é balizado no pensamento dos autores contemporâneos que relatem sobre redes sociais, tais como Orkut, Facebook, Messagem e as relações correlacionado com solidão assim a discussão proposta a seguir considerou os objetivos do estudo e seu entendimento sob a ótica dessa perspectiva de pensamento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Notas preliminares acerca da modernidade

Segundo Dumont (1977) a ideologia individualista seria a própria produtora e expressão da modernidade em suas diferentes manifestações e contextos. O individualismo moderno se caracteriza por uma busca de liberdade, singularidade e auto responsabilidade, seguindo os moldes de um “renunciante” cristão. Mas, não se igualando a um “indivíduo forado-mundo”, e sim ao “indivíduo-no-mundo”. Ou seja, o indivíduo contesta o mundo, porém vive dentro do mesmo. O individualismo moderno é determinado pela própria cultura moderna homogeneizante, e sua ideologia, e não pelas particularidades

A singularidade, auto responsabilidade, a liberdade, ou seja, a individualidade. Todos estes conceitos fizeram parte da construção do que viria a ser o individualismo moderno. Segundo Simmel (1998) o individualismo se manifesta como uma busca de distinção e necessidade de se impor incondicionalmente.

O sujeito da pós-modernidade assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. O sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade prende os sujeitos ao social. (HALL, 1990)

As identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentas, além disso, fazem parte de suas características mudanças rápidas, abrangentes e contínuas podendo ser influenciado pelo contexto ausência- presença ligado as tecnologias vigentes na modernidade.

A pós-modernidade engloba uma sociedade de denominações diversas: sociedade das mídias, sociedade da informação, sociedade high-tech, sociedade eletrônica. A dinâmica social dessa sociedade é marcada pela ênfase nas novas tecnologias da informação e possui características que nos levam a entender as novas formas de sociabilidade do “sujeito pós-moderno.

A origem da modernidade, enquanto um período particular da história da humanidade está diretamente associado ao surgimento de uma *consciência temporal* que confronta o moderno ao antigo e cria uma concepção histórica processual da vida, cujo

horizonte é um futuro que não pode ser previsto. Consoante a isso, Giddens (1991) discorre que o advento da modernidade refere-se a um estilo, costume de vida ou organização social e incorre no surgimento das sociedades reflexivas. Esse “novo padrão” aparece enquanto consequência da realidade globalizada e do multiculturalismo que reflete no refinamento dos padrões societários gerados pelo capitalismo.

Levy (2000) entende a modernidade a partir da separação dos modelos estabelecidos no passado. Por isso, reconhece-se que essa fase na história permite uma maior liberdade ao ser humano, tanto através da liberdade da razão quanto por meio da reinvenção de novos caminhos de pensamento que deem conta dos novos questionamentos, ou seja, novas leituras de mundo. Esse período na história representa um avanço nos direitos e deveres individuais e nos espaços da liberdade e da liberação, contudo esses direitos estão limitados, pelos imperativos da universalidade homogeneizadora, pela racionalidade inconstante e pela integração e funcionalidade tecnologicamente impostas. (TERRY, 2008).

2.1.2 A sociedade moderna e as relações virtuais.

A modernidade é caracterizada pelas relações virtuais onde as relações são mais superficiais e ocorrem nos chamados ciberespaço, considerando um espaço de interação e comunicação entre as pessoas, intermediado pela interconexão das redes de computadores, no qual as informações comunicadas são de natureza digital e as relações desembocam no virtual (LEVY, 2000).

A sociedade moderna vigente se encontra em constante mudança, onde ocorrem transformações significativas na forma como vivenciamos o tempo e o espaço. Nesta perspectiva Bauman (2004), enfatiza que na modernidade, o tempo tem *história*, tem história por causa de sua “capacidade de carga”, perpetuamente em expansão, o alongamento dos trechos do espaço que unidades de tempo permitem “passar”, “atravessar”, “cobrir” ou *conquistar*. O tempo adquire história uma vez que a velocidade do movimento através do espaço se torna uma questão do engenho, da imaginação e da capacidade humanas.

O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros "ausentes", localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está

presente na cena; a "forma visível" do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza (GIDDENS, 1991).

No contexto das sociedades reflexivas a tecnologia expressa três imperativos inevitáveis. Primeiro, a tecnologia significa arregimentação numa escala jamais vista, o que contrasta totalmente com a maioria dos ofícios pré-modernos ou mesmo com as antigas atividades manufatureiras. Segundo, a tecnologia estava ligada à ideologia comteana do progresso científico e humano. Terceiro, a tecnologia reduziu a margem de liberdade do indivíduo. Embora a modernidade represente um avanço nos direitos e deveres individuais, os espaços da liberdade e da liberação estão limitados, na modernidade, pelos imperativos da universalidade homogeneizadora, pela racionalidade inconstante e pela integração e funcionalidade tecnologicamente impostas (TERRY, 2008).

Com o advento dessas tecnologias essas mudanças nos padrões societários foram ainda mais profundas, modificando as relações e a maneira não só como as pessoas se relacionam com os outros mais também a maneira como percebem a eles próprios. Segundo Bauman (2004) a era da modernidade líquida vivenciada atualmente incorre em um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez, de forma imprevisível e até mesmo fatal para nossa capacidade humana de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, nosso parceiro ou a nós mesmos.

Bauman (2004) ainda concebe que modernidade líquida traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos — o amor líquido. A insegurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos. Isso diz muito da virtualização vigente, relações mediadas por uma máquina, a distância, frívola, e por que não dizer ilusórias.

A modernidade, devido a sua mobilidade, flexibilidade, inconstância, ou seja, suas constantes mudanças no tempo e no espaço, reflete na fragilidade nas relações face a face em detrimento das relações virtuais. Essas relações interpessoais na perspectiva de Bauman (2004) são fluidas. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, ou seja, relações inconstantes, onde não existe vínculo, não há olho no olho e da mesma forma rápida como começa pode ter um fim, sem culpa, sem sofrimento.

A sociedade pós-moderna é dominada pelas tecnologias, criadas pela mente humana, na qual se vive as relações virtuais, em um mundo virtual, conectados no ciberespaço, mudando a forma de agir e pensar das pessoas. (RODRIGUES, 2003)

Neste mundo virtual são estabelecidas novas formas de sociabilização, entre elas o Orkut. Este site de relacionamentos, criado por Orkut Buyukkokten, engenheiro funcionário do Google, (NOGUEIRA, 2016) evidencia a captação de preferências dos consumidores para o direcionamento do marketing e possibilita a elaboração e consolidação de novas formas de sociabilidade, as chamadas “redes sociais”, que se pautarão na relativização do tempo e espaço, na mudança das concepções de esfera pública, na construção de novas realidades sociais e na estipulação de novas interações entre local e global. As relações são efetuadas a partir da simples inserção do indivíduo na rede, estabelecendo vínculos fundados em interesses comuns e criando na Internet a busca efetiva por uma conexão social.

O Facebook pode ser definido como um *website*, que interliga páginas de perfil dos seus utilizadores. Tipicamente, é nestas páginas que os utilizadores publicam as mais diversas informações sobre eles próprios, e são também os utilizadores que ligam os seus perfis aos perfis de outros utilizadores. No essencial, a experiência do Facebook permite que os utilizadores se envolvam em três tipos de atividades: publicar informação pessoal relevante numa página individual com o seu perfil, ligar-se a outros utilizadores e criar listas de amigos, e interagir com outros utilizadores (BUFFARDI e CAMPBELL, 2008; TUFEKCI, 2008).

O aplicativo Instagram surgiu para o público no dia 6 de outubro de 2010. Foi desenvolvido pelos engenheiros de programação Kevin Systom e o brasileiro Mike Krieger, cuja intenção, segundo os próprios, era resgatar a nostalgia do instantâneo cunhado, ou seja, imediato ao longo de vários anos pelas clássicas polaroids, câmeras fotográficas de filme, cujas fotos revelavam-se no ato do disparo, ou seja, logo após as fotos serem tiradas. O Instagram nasceu a partir de uma simplificação de outro aplicativo, também desenvolvido por dois engenheiros, chamado Burbn, cuja proposta inicial era de uma rede social que agruparia várias funções, onde os usuários poderiam compartilhar a sua localização, imagens, vídeos, planos para o final de semana, e etc. (PIZA, 2012)

O Twitter é uma forma de comunicar com as pessoas muito portátil e acessível. Qualquer um com um telefone Nokia pode entrar na minha conversa. O Twitter permite controlar o que tem e aquilo que recebe e as pessoas podem optar por ler ou não. Aquilo que o Twitter faz é simplificar a comunicação entre as pessoas, expressar as tendências daquilo que se está a passar em cada cidade e no mundo, para além de estimular a interação entre os indivíduos que anteriormente se relacionavam cara a cara. O Twitter é mais uma rede de notícias, onde cada um atualiza em texto a sua vida. Quem quiser segue. Não é preciso ser amigo. Uma pessoa pode te seguir e você pode não querer segui-la. (CARDOSO, 2009)

Assim, de modo geral, a má utilização das tecnologias, mais precisamente dos recursos da rede pode resultar na superficialização das relações humanas e no aumento da sensação de solidão do indivíduo, que se isola do mundo real e cria uma relação de dependência com o meio virtual.

2.2 O surgimento das redes sociais e suas comunidades virtuais

O conceito de “comunidade virtual” foi cunhado pela primeira vez por Howard Rheingold em 1993, definindo-a como uma agregação cultural formada pelo encontro sistemático de um grupo de pessoas no ciberespaço. Comunidades virtuais são redes eletrônicas de comunicação interativa auto-definida, organizadas em torno de um interesse ou finalidade compartilhada. Esse novo sistema de comunicação pode abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos, isso tudo devido a sua diversificação, multimodalidade e versatilidade (SCHLEMMER, 2005).

As redes sociais podem operar em diferentes níveis, como, por exemplo, redes de relacionamentos (Facebook, Orkut, Myspace, Twitter, Tymr), redes profissionais (LinkedIn), redes comunitárias (redes sociais em bairros ou cidades), redes políticas, dentre outras, e permite analisar a forma como as organizações desenvolvem a sua atividade, como os indivíduos alcançam os seus objetivos ou medir o capital social – o valor que os indivíduos obtêm da rede social (CAPRA, 2008).

Nessa perspectiva rede social é gente, é interação, é troca social. É um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo e suas conexões, os laços sociais que compõem os grupos. Esses laços são ampliados, complexificados e modificados a cada nova pessoa que conhecemos e interagimos. “ (RECUERO, 2009, p.29).

Para Recuero e Soares (2013), os sites de rede social tiveram um impacto profundo no cotidiano das pessoas, alterando a forma como se relacionam, constroem e percebem valores e mesmo como constroem significados e sentidos. Eles não apenas refletem essas redes, mas influenciam sua construção e com isso, os fluxos de informação que circulam nesses grupos.

2.2.1 A era digital no mundo da hiperconectividade

As redes sociais e a internet atuam na formação do sujeito, bem como formação de identidade, pois influenciam no comportamento e vida das pessoas, além disso, proporcionam oportunidades no âmbito de trabalho e pessoal na medida em que ligam indivíduos que possuem um interesse ou um objetivo em comum. As redes sociais foram criadas para existir uma interação entre as pessoas e incorporação ativa dessas pessoas ao espaço virtual (SANTOS; CYPRIANO, 2014).

A comunicação pela internet é simples e fácil. Você não precisa ficar com medo de falar algo errado, pois sempre há como editar ou até mesmo excluir as suas publicações. Dessa maneira, você pode passar a imagem que gostaria de ter, independente de ela ser uma representação fiel da realidade.

As tecnologias trouxeram inúmeros benefícios à humanidade, contudo associada a ela também agregam-se os malefícios para os relacionamentos interpessoais, isto deve-se ao fato de que nas redes sociais as pessoas são livres para usar a imaginação na criação de personagens e serem quem quiserem ser. Além disso, podem se utilizar dessas ferramentas como fuga dessa realidade aprisionadora, uma vez que nesse ambiente online pode ser criada uma vida paralela bem diferente da vida real, com mais liberdade de expressão, sem importar-se com quem está do lado oposto da máquina, um mundo idealizado tanto por quem o criou quanto por quem o utiliza, onde de certa forma tudo se é permitido.

Segundo Giardelle (2012), o mundo on-line parece um grande palco de teatro de espelhos, no qual o tímido se torna extrovertido, o calmo se torna visceral, o rude se torna romântico. A inconveniência da verdade é criar um alterego digital acima da lei, viver uma vida paralela completamente diferente do real, que permite namorar em Paris, tomar café com amigos virtuais em Roma, pular de paraquedas do Everest ou visitar uma praia de hedonismo no Caribe.

As dificuldades em se relacionar trazem mais pessoas para uma ilusória segurança do mundo virtual, onde recriam prazeres e conflitos comuns do dia a dia, mas sem o enfrentamento necessário do olho no olho, da comunicação face a face. Ali sempre há uma saída, um clique para a desconexão. Contraditoriamente, a vida que está exposta nas redes sociais também está perante análises, julgamentos e intervenções.

Por sua vez, em uma sociedade onde o sofrimento psicológico impera e onde também as pessoas querem a todo custo evitar as frustrações, as decepções, a dor, talvez por não saberem lidar com tais sentimentos, tem-se materializado relações distantes, frias, menos comprometidas e assim os rompimentos são menos dolorosos e mais fáceis de assimilar do

que nas relações carnavais. Neste cenário, as relações estabelecidas pelas mídias digitais são atrativas na medida em que diminuem as chances de frustrações e comprometimento que tendem a acontecer com as relações face a face (TELLES, 2011).

O mundo paralelo e idealizado criado a partir das mídias digitais está cada vez mais camuflando o sentimento solidão, ou seja, as pessoas estão sentindo-se sozinhas mesmo estando acompanhadas, com isso percebe-se um aumento nas ocorrências de dissociação de personalidade, quadros de carência afetiva e também transtornos de ansiedade e depressão, consequência de uma sociedade hiperconectada e virtualizada onde as pessoas estão mais solitárias e deprimidas e para tanto utilizam-se das mídias tecnológicas como busca de aceitação, acolhimento, conexões afetivas, uma ironia numa coletividade conectada (TELLES, 2011).

Santos e Nacarati (2015) sobre essa realidade, observam que as pessoas estão cada vez se evitando, e conseqüentemente, perdendo total referência de si, dos seus gostos preferências, sonhos, senso crítico, e outras séries de conteúdos que propiciam uma evolução humana. As armadilhas exteriores e interiores, fruto do uso excessivo da tecnologia, revelam verdadeiros cárceres de sofrimento interior, que muitas vezes são camufladas.

Você não é tão social quanto aparenta em sua Rede Social. Você não tem o número de amigos do seu perfil. Você não tem a fama dos seus seguidores. Você não é tão popular como aparenta ser. Você não está em todos lugares. Você não é feliz como em todas as suas fotos. Você não é linda sem seu PhotoShop. Você não é uma frase de efeito de Tati Bernardi. A única coisa real é que o mundo virou virtual. (Marchesi, 2013)

2.3 O Paradoxo entre relação virtual e face a face

O ser humano tem a necessidade de se relacionar e tem como essência de vida a interação com a sociedade e os seus indivíduos buscando interagir de várias formas. A situação face a face baseia-se em um relacionamento interpessoal, a dois ou mais, no qual não somente a presença é característica, mas a forma de relação e interação, que no caso, pautam-se no compartilhamento mútuo de determinada atividade e emocionalidade e sua influência nas individualidades dos que a vivenciam (MARQUES, 2010).

O fato de as pessoas vivenciarem cenários diferentes e desenvolverem atividades diversas no seu cotidiano, impossibilitando a realização e/ou efetivação de compromissos por intermédio da comunicação face a face, fez da Internet um canal bastante utilizado,

otimizando os relacionamentos, sejam de caráter profissional e/ou pessoal. (SANTOS; CABESTRÉ; MORAES, 2015).

Percebe-se segundo o pensamento de que as relações virtuais são palpáveis, manuseáveis, descartáveis, enquanto as relações interpessoais são reais e não podem ser rejeitadas apertando um botão, pois há um certo envolvimento emocional e assim acabam demandando mais do outro e gerando um maior sofrimento pelo medo da perda. Uma vez que o “outro” é considerado apenas uma peça que rapidamente entra em processo de obsolescência, tranqüilamente se usufrui o seu potencial pessoal para que logo após se possa dispensá-lo, sem que haja quaisquer crises de consciência da parte do indivíduo consumista de afetos e experiências. Por temermos a intimidade com o “outro”, prefere-se então abrir mão das relações amorosas concretas para adentrarem na dimensão das relações virtuais. (BITTENCOURT, 2009).

Hawkley e Caciopo (2010) procuram explicar essa relação através de um modelo em que o isolamento percebido gera um estado de insegurança face a ameaças de nível social, determinando atitudes de hipervigilância e enviesamento cognitivo que se traduzem em expectativas, memórias e uma percepção da realidade e das relações interpessoais com um carácter negativo e mais ameaçador, perpetuando esse isolamento. Este ciclo de distanciamento e solidão reforça-se a si próprio e, associando-se a sentimentos de hostilidade, pessimismo, baixa autoestima e perturbação emocional, ativa mecanismos neurobiológicos e comportamentais que contribuem para desencadear várias patologias.

O modo “Ter” de compreender a vida cotidiana e de se relacionar socialmente não favorece o florescimento de uma percepção global sobre a realidade ao redor, tornando o partidário de tal perspectiva valorativa uma ilha isolada entre quatro paredes, empobrecida existencialmente, pois incapaz de afirmar a interatividade para com o “próximo”. Em nossa sociedade tecnocrática, “Ter” se tornou uma disposição hegemônica, comandando as nossas ações e valores através do postulado de que uma pessoa pode ser avaliada por aquilo que ela possui e não por aquilo que ela “é”, isto é, por suas qualidades singulares. (BITTENCOURT, 2009).

A disposição “Ter” faz com que o indivíduo acredite que o gozo pessoal e a possibilidade de se alcançar o estado de felicidade se encontram atreladas intrinsecamente aos bens externos, adquiridos avidamente nas suas compras. Segundo essa configuração distorcida, quanto maior o volume das compras, maior o índice de bem-estar que será experimentado. As relações virtuais se assemelham a essa lógica na medida em que quanto maior o número de seguidores mais conhecido essa pessoa se torna e como consequência

aclamado por quem deseja ter, relações utilitaristas para uma finalidade. Dessa maneira, as relações pessoais adquirem o estatuto de bens negociáveis, onde para tudo há um preço. (BITTENCOURT, 2009).

No ápice da “era da liquidez”, o ser humano se despersonaliza e adquire o estatuto de coisa a ser consumida, para em seguida descartada por outrem, quando esta se enfada do uso continuado do objeto “homem”, facilmente repostos por modelos similares. Essa lógica diz muito das relações virtuais que são temporárias e descartadas quando não tem mais utilidade. Os relacionamentos virtuais são assépticos e descartáveis, e não exigem o compromisso efetivo de nenhuma das partes pretensamente envolvidas. (BITTENCOURT, R. 2009).

No contexto da vivência líquida, “amar se caracteriza sempre como um ato arriscado, perigoso, pois não conhecemos de antemão o resultado final das nossas experiências afetivas: só é possível nos preocuparmos com as conseqüências que podemos prever, e somente delas que podemos lutar para escapar”, como diz Bauman (2008, p. 18). Assim torna-se mais proveitoso um relacionamento mediado pela tela do computador em que se pode evitar a proximidade com outro, preservando a convivência e desviando-se de intimidades ou personalidades indesejadas e por que não dizer inconvenientes ao próximo e que fazem parte das relações não virtualizadas.

Outro contraponto, e um dos mais sérios, é a fuga do palpável quando essa não é, ou não está das melhores, o que, muito provavelmente, é parte do que está por trás da tão alardeada adicção na rede, principalmente nos “chats”. O uso da Internet já foi comparado ao uso da cocaína [...] sendo esta comparação feita em virtude da semelhança dos sintomas apresentados pelos viciados em ambas, como palpitações, tremores, sombras diante dos olhos, confusão mental, como também sintomas fracamente psicóticos com delírios de ciúmes, alucinações e idéias de perseguição (RECUERO; SOARES, 2013).

Com base nos artigos lidos percebe-se, que a vantagem da prática amorosa mediatizada pela tela de computador é que evitamos assim a intimidade indesejável com a presença do outro.

2.4 Solidão e redes sociais

A solidão pode ser considerada uma experiência subjetiva que todos os seres humanos estão aptos a passar, portanto não é de todo negativa, a solidão não é uma condição, mas uma necessidade de autenticação, de significado e unidade, em uma cultura desumanizada. É a confirmação da vivência psíquica do indivíduo. Trata-se de um estado de

desânimo ou pesar pela condição de estar sozinho, por se tratar de uma definição enganosa, uma vez que a solidão é causada, não pelo fato de se estar sozinho, mas por se estar privado de certo relacionamento ou conjunto de relacionamentos (PINHEIRO; TAMAYO, 1984).

É importante salientar que há diferença entre estar sozinho e sentir-se sozinho, pois, quando se fala em solidão se remete ao sentimento, a experiência emocional, a falta de diálogo, ausência de contato físico, necessidade de afeto e cuidado. A solidão não é o mesmo que estar só, uma vez que solidão é sentir-se só, sentir-se desligado; um desejo insatisfeito de companhia, um senso de separação das pessoas que são emocionalmente importantes para quem sente solidão (PINHEIRO; TAMAYO.A, 1984).

A liberdade gerada pelas possibilidades da interação on-line deve ser confrontada quando se torna também carcereira da vida real. O quarto passa a ser a cela, o computador a porta e as redes sociais o buraco da fechadura por onde se pode espiar e saber o melhor momento para se manifestar de acordo com o que as pessoas esperam, ou ao contrário, reagir de modo inesperado. As pessoas ficam presas em atitudes muitas vezes narcisistas, declaram a falta de atenção e também esperam ser ouvidas e pronunciadas. Uma infinidade de sentimentos aflora e morre nas redes sociais, sem qualquer banho de sol. A “sociedade da solidão”, uma solidão nova, intermediada por tecnologia. Um processo em que os indivíduos passam a viver isolados em seus quartos, conectados com seus computadores, enquanto seus familiares estão na sala contígua interligados a outros computadores por meio da internet, corpos que ocupam o mesmo lugar mais sem necessariamente ter uma interação face a face.

Não se pode imaginar a solidão (ou solidões), que se apresenta na Modernidade sem fazer referência à noção de indivíduo, pois ela se constitui a partir das transformações destes. O que se evidencia é que o sujeito não está mais vinculado à comunidade, como antes esteve, nas sociedades tradicionais, hoje, esse sujeito é unidade isolada vinculada aos outros por sistemas contratuais. As solidões modernas serão consequências do individualismo, como também forma de combate ao desamparo imposto pela nova ontologia social. (TANIS, 2003).

Reconhecida como um fator de risco para a saúde mental, a solidão pode ser definida como uma experiência subjetiva que decorre da diferença entre as expectativas e a realidade da vida do sujeito, de um ponto de vista relacional. A sua associação ao isolamento social percebido e não ao objetivo, ajuda-nos a entender a solidão crescente nas cidades e o seu reforço paradoxal numa era de tecnologias de comunicação. De facto, a presença de outros numa teia de afetos frágil e virtual, não assegura um espaço de partilha emocional ou de reconhecimento, intimidade e retorno (OUAKININ S, 2015).

Diante da problematização deste tópico, levanta-se a discussão sobre os sentidos da solidão na modernidade. Afinal, o que significa está só e estar ao mesmo tempo interagindo e hiperconectado às redes sociais? É clara a constatação das condições que levam a solidão se desdobrar em adoecimento. Acrescenta-se ainda a necessidade de pensar nos caminhos para o debate das causas danosas ao sofrimento, bem como, sobre as repercussões das redes sociais na saúde mental.

3. CONCLUSÃO

A história da modernidade traz consigo um novo padrão e uma nova concepção de mundo, na qual os homens passam a ser inseridos em uma sociedade reflexiva, ou seja, uma sociedade permeada pela contínua troca e avanço das informações. Atualmente é impossível viver isolado, afinal, a companhia humana pode estar ao alcance de suas mãos através da tecnologia. Contudo ao contraponto que essa evolução é decorrente do progresso, tem-se por outro lado as relações estabelecidas virtualmente.

Nos novos padrões de sociabilidade admitidos no mundo globalizado tem-se o amplo uso das tecnologias, principalmente através do acesso a internet. A tecnologia em si não traz repercussões definidas a subjetividade humana, mas o modo como essa tecnologia vem sendo utilizada, sim. O refinamento da comunicação traz consigo a armadilha de ultrapassar os limites da virtualidade e efetivamente implicar na realidade ao promover mudanças no modo como as pessoas se relacionam, pensam e vivenciam sua singularidade.

O mundo virtual, com efeito, contribui para o sentimento de solidão, as pessoas sentem-se mais seguras atrás de seus monitores, ficando inseguras quando se trata do processo pessoal, face a face, com a ascensão desse novo mundo, as pessoas ficam acanhadas muito mais fácil do que antes.

Neste contexto, chama-se atenção para os perigos das relações virtualizadas, pois elas aparentemente promovem a interação associada a superficialidade. Nesta via, o levantamento teórico realizado anteriormente aponta que a virtualidade vem atravessando a modernidade diretamente vinculado com o isolamento social e a solidão.

Com resultados desse estudo foi demonstrado a importância de se fazer uma reflexão acerca da solidão provocada pelas mudanças nas relações sociais do mundo globalizado, ressaltando-se a necessidade do uso das tecnologias na modernidade, porém sem descartar um dos lados negativos de sua aplicação: a solidão e suas consequências.

Acredita-se que a pesquisa foi de grande valia, pois além de revelar como a solidão e as tecnologias estão restritamente interligadas, pode vir a colaborar para um entendimento mais aprofundado acerca do tema. Considera-se um passo inicial para futuras pesquisas, como, por exemplo, estudos que contemplem o entendimento sobre a solidão, a partir de outros referenciais teóricos, e também com uma amostra maior de trabalhos.

REFERENCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.

BITTENCOURT, R. A fragilidade das relações humanas na pós-modernidade. **Revista espaço acadêmico**, n. 100, 2009. **Comunidades virtuais de aprendizagem**. In: BARBOSA, Rommel Melgaço (Org.). *Ambientes virtuais de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BUFFARDI, Laura e CAMPBELL, W. Keith. Narcissism and Social Networking Web Sites. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34, 1303-1314, 2008.

CAPRA, Fritjof. Vivendo Redes. In: Duarte, Fábio; Quandt, Carlos; Souza, Queila. *O Tempo Das Redes*. Editora Perspectiva, 2008.

CACHUTÉ, Livia C. **Marketing Digital como estratégia no varejo – um estudo de caso do Brasília Shopping**, 128p, 2013

CARDOSO, M, L **Twitter: Microblog e Rede Social**, caderno.com – Vol. 4 - Nº 2 - 2º semestre de 2009.

CARLA RODRIGUES **Pós-modernos no ciberespaço - seriam os novos apocalípticos desintegrados?** ALCEU - v.3 - n.6 - p.53 a 64 - jan./jun. 2003.

GIARDELLI, G. **Você é o que você compartilha: como aproveitar as oportunidades de vida e trabalho na sociedade em rede**. São Paulo: Editora Gente, 2012.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GUEDES, Taís, M. **As redes sociais – Facebook e Twitter – e suas influências nos Movimentos Sociais**, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasil, 2013.

- HAWKEY, L. C.; CACIOPPO, J. T. Loneliness Matters: A theoretical and Empirical Review of consequences and mechanisms. **Annals. Of Behavioral Medicine**, v. 10, n. 2, pp. 218- 227, 2010.
- HALL, C. **Cultura identity and Diaspora**. In Rutherford, J. (org). Identity Londres. Lawrence and Wishart, 1990.
- HYCNER, R. & Jacobs, L. (1997). Relação e cura em Gestalt-terapia. E. Plass & M. Portella. (Trad.). São Paulo: Summus Editorial Ltda. (Trabalho original publicado em 1995).
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015 / IBGE**, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MARCHESI, R. **A única coisa real é que o mundo virou virtual: a solidão conectada**. Revista olharconceitos, 27 de Dezembro de 2013.
- MARQUES, A. F. A. **Eu músico: configurações subjetivas a duas ou três vozes**. Brasília: Scribd, 2010.
- MENDONÇA, M. Solidão é tão ruim para a saúde quanto fumar 15 cigarros por dia. **Revista Época**, p.14. 2011.
- MINAYO, M. C (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Editora Vozes: Petrópolis, 2006.
- NOGUEIRA, C, **S Orkut e as Comunidades Virtuais – Identidades Solúveis no Ciberespaço** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Belém, 2016.
- OUAKININ. **Solidão e saúde mental**. Acta Med Port, n. 28, v. 1, pp. 130-132, 2015.
- PINHEIRO, A. A. A.; TAMAYO, A. Conceituação e Definição de Solidão. **Rev. de Psicologia**, Fortaleza, v. 2, n. 1, pp. 29-37, jan. /jun. 1984.
- PIZA, M, V; O fenômeno Instagram: consideração sobre a perspectiva tecnológica. **Universidade de Brasília**, Brasília, 2012
- RECUERO, R.; SOARES, P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage "Diva Depressão"**. Galáxia (São Paulo), São Paulo , v. 13, n. 26, p. 239-254, dez. 2013.
- RECUERO, Raquel. Rede Social. In: Para entender a Internet (versão beta): noções, práticas e desafios da comunicação em rede. Disponível em: . Acesso em: 28 jun. 2009
- SANTOS, F. C; CYPRIANO, C. P. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 29, n. 85, p. 63-78, jun. 2014.

SANTOS, S. J. S.; NACARATI, M. R. As redes sociais e a solidão humana. **Anais, XI** Internacional de Linguagem e Tecnologia. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

SANTOS, V. M; CABESTRÉ, S; MORAES, E. **A comunicação na era das Redes Sociais:**

SCHLEMMER, E. **Metodologias para a educação a distância no contexto da formação de**

SIMMEL, G. **O dinheiro na cultura moderna.** In, Jessé Souza e B. Oélze, orgs. Simmel e a Modernidade. Brasília, Editora UNB, 1998, pp. 23 a 40.

TANIS, B. **Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura.** São Paulo: Cada do Psicólogo, 2003.

TELLES, A. **A Revolução das Mídias Sociais.** Ed. M., Books, 2011.

TERRY, S. **Scientiæ Zudia.** São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-81, 2008.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea,** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.